

TEATRO,
ESPACO,
VAZIO E
DEMO-
CRACIA

4



COLÓQUIO TEATRO, ESPAÇO VAZIO E DEMOCRACIA

4.ª EDIÇÃO

PROGRAMA

- 15h00 **Intervenções de**
AMÉRICO RODRIGUES
MANUEL PORTELA
JOSÉ LUÍS FERREIRA
FERNANDO MORA RAMOS
- 17h00 **Intervalo**
- 17h15 **DEBATE com os presentes**



262 823 302 | 966 186 871
www.teatrodarainha.pt
comunicacao@teatrodarainha.pt

TEATRO DA RAINHA



Esta 4.^a edição do colóquio *Teatro, espaço vazio e democracia* é singular. Os participantes são os autores de uma reflexão a quatro mãos, vertida em livro, *Quatro ensaios à boca de cena*, surgida na entretanto desaparecida — infelizmente — editora Cotovia.

Nesse livro, em torno das questões de uma política teatral e da programação, materializavam-se pensamentos diversos que correspondiam às experiências diversas de cada um dos autores. Desse modo, se Américo Rodrigues faz o balanço prospectivo de muitos anos de trabalho como animador cultural e mais tarde como Director do Teatro Municipal da Guarda, magnífico edifício da geração fundos europeus, já Manuel Portela, então Director do Teatro Académico de Gil Vicente, reflecte sobre o que é, poderia vir a ser, se compreendido e apoiado devidamente, a programação de um teatro de referência nacional num contexto universitário. José Luís Ferreira pensava, entretanto, a especificidade de uma necessária programação teatral europeia e internacionalizada, a partir da sua responsabilidade de Coordenador das Relações Internacionais do Teatro Nacional de São João e Fernando Mora Ramos, como Director Artístico do Teatro da Rainha e a partir dos seus, na altura, 34 anos de prática teatral continuada em territórios da descentralização teatral, Évora, Santarém, Coimbra, Porto, Braga e Caldas — definia, diagnosticando «males endémicos» e os erros do não feito, como ordenação teatral pós Abril, o que poderia na altura ser a política teatral de uma democracia por vir — em devir — que assumisse também, para si mesma, um horizonte artístico.

O projecto deste colóquio é, como será de esperar, um regresso às teses de 2009 — o livro data desse ano mas incide sobre anos anteriores — para podermos pensar em que estamos hoje nessas matérias de política teatral e de programação, mas para fazê-lo sobretudo na perspectiva do que, nesta situação de crise, possa ser um novo ponto de partida — sê-lo-á inevitavelmente — para o que nunca encontrou devidamente um porto de abrigo consistente como lugar teórico/prático de operar e ordenar um outro futuro das artes e do teatro no país, um lugar democratizado numa democracia que inscreva a cultura como parte privilegiada e determinante da sua própria qualificação.

fernando mora ramos

Acredito que este livro abrirá a oportunidade para um vasto debate, a nível nacional, sobre o presente e o futuro do teatro no nosso país. Em todo o caso, não será mais possível acantonar a discussão em problemas limitados ou locais: Quatro ensaios à boca de cena mostra que, para esses problemas serem pensados, é necessário situá-los num plano mais vasto, não só num território material (nacional e internacional) mas num território mental — o da natureza e da história do teatro e das exigências de um teatro contemporâneo à medida do nosso futuro enquanto coletividade que, através da sua língua e do seu desejo, tenta devir livremente «o que é». Ouso esperar que, depois da sua recepção pública, nada será como dantes, no mundo do teatro.

José Gil, prefácio a *Quatro ensaios à boca de cena*

Citações de fragmentos dos textos dos autores de *Quatro ensaios à boca de cena*

Os teatros municipais prestam um serviço público, a que falta reconhecimento. No fundo, estão sozinhos em terrenos da interioridade, onde não há investimento considerável na cultura e na mobilização do público. Entregues à sua sorte ou, então, totalmente dependentes das autarquias, os Teatros Municipais, na maior parte dos casos, limitam-se a sobreviver, fazendo cortes na programação ou colocando-se ao serviço de interesses políticos populistas.

Américo Rodrigues

Ao produzir o espaço público contemporâneo como espaço cultural, a programação participa do fluxo geral de produção de capital simbólico e económico que estrutura as relações de poder na sociedade capitalista. Mesmo quando ambiciona mudar a qualidade cívica do espaço público através dos objectos que escolhe e dos modos de comunicação que institui, a programação participa nos processos de produção de identidade dos grupos e das classes e, portanto, na reprodução das relações sociais de poder. Por isso se torna paradoxal resistir ao espectáculo por meio do espectáculo.

Manuel Portela

Há que saber distinguir, em primeiro lugar, entre actividade artística nuclear e indústrias culturais. O gesto artístico de base, cadinho sem o qual o restante edifício não se sustenta, caracteriza-se por uma economia do protótipo, não reprodutível, não massificável, na qual o custo de investimento não pode de nenhum modo ser «rentabilizado» através de uma «cadeia de valor». Práticas artísticas colectivas como o teatro ou a dança sofrem da chamada

«doença de Baumol», assim enunciada, já nos anos sessenta, por este economista da cultura: em 1664, precisávamos de duas horas e doze actores para representar *O Tartufo*; em 2009, continuamos a precisar de duas horas e de doze actores. Não há ganhos tecnológicos ou novos procedimentos que evitem este «impasse» produtivo.

José Luís Ferreira

O teatro é uma pequena parte do mundo que tem uma tradição humana feita de singularidades e gestos comunitários, uma tradição democrática qualificada pelos filtros do tempo, os que elegem paradigmas, parlamento constante de subjectividades sublimes e laboratório humano elementar, que, no avesso da história e antecipando-a, nas cozinhas e praças, nos palácios e nos teatros, se foi constituindo como uma poderosa instância crítica. O seu alcance político levou António José da Silva à fogueira, Molière a um enterro fora de horas, outros a ladear as censuras instituídas, muitos à morte precoce, como sucedeu com o estalinismo... e outros a dissidir do fascismo, como sucedeu com Pirandello, com a sua *Fábula do filho substituído*.

Fernando Mora Ramos

Notas curriculares

AMÉRICO RODRIGUES: Diretor da DGARTES desde fevereiro de 2019. Licenciado em Língua e Cultura Portuguesas pela Universidade da Beira Interior e Mestre em Ciências da Fala pela Universidade de Aveiro com uma tese sobre «As emoções na fala». Exerceu funções de animador e programador cultural na Casa de Cultura da Juventude da Guarda/FAOJ (1979-1989) e na Câmara Municipal da Guarda (1989-2005), tendo sido Diretor do Teatro Municipal da Guarda (2005-2013) e Coordenador da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço (2015-2018). Foi um dos fundadores do coletivo Aquilo Teatro, da Associação Luzlinar e do Calafrio, Associação Cultural/Teatro do CalaFrio. Coordenou os cadernos de poesia Aquilo (1982-1997) e foi co-diretor da revista *Boca de Incêndio* (2004-2006), entre outras publicações. Em 2011 recebeu a medalha de mérito cultural atribuída pelo Ministério da Cultura de Portugal. É poeta, ator, encenador, *performer* (na área da poesia sonora) e programador cultural.

MANUEL PORTELA: Dirige o Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Exerce atualmente as funções de Diretor do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas. Traduziu diversos autores de língua inglesa, entre os quais, Laurence Sterne, William Blake e Samuel Beckett. É autor dos livros *O Comércio da Literatura: Mercado e Representação* (Antígona, 2003) e *Scripting Reading Motions: The Codex and the Computer as Self-Reflexive Machines* (MIT Press, 2013). É também editor do *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego* (<https://ldod.uc.pt/>; 2017). Na última década tem-se dedicado à investigação da digitalização da cultura e das práticas literárias e artísticas. Foi programador na iniciativa Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (na área «Literatura e Pensamento») e Diretor do Teatro Académico de Gil Vicente (2005-2008). Tem feito ainda programação e curadoria no campo da literatura experimental, destacando-se, nos últimos anos, «Ana Hatherly: Anagrama da Escrita» (Lisboa, Festival Silêncio, 2016) e «VisoVox: Poesia Visual e Sonora» (Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2018, com Américo Rodrigues e José Alberto Ferreira).

JOSÉ LUÍS FERREIRA: É produtor, programador e consultor de projetos artísticos e culturais. Assumiu, entre 2011 e 2014, a direção artística do São Luiz Teatro Municipal. Coordenou o Departamento de Relações Internacionais do TNSJ, entre 1997 e 2011. Participou na conceção e criação do festival PoNTI e assumiu a sua Direção

Executiva entre 1997 e 2004. Foi comissário para a programação de Teatro internacional na Capital Nacional da Cultura — Coimbra 2003. Integra desde 2009 a Ao Cabo Teatro AC, na qual é diretor de produção. Concebeu e programou o projeto *Odisseia*, desenvolvido pelo TNSJ em 2011, em associação com o Theatro Circo, o CCVF, o Teatro de Vila Real e a União dos Teatros da Europa. Em 2014, fundou Antunes Fidalgo Unipessoal, microempresa que trabalha nos domínios da criação teatral e da consultoria em projetos culturais, com a ambição de encontrar contextos que aproximem o cidadão comum do universo das artes. Em 2016 e 2017, coproduziu com o TNDM II, o CCVF e o CAO-Ovar o espetáculo *Força Humana*, a partir de *Os Lusíadas*, com direção e interpretação de António Fonseca e José Neves. Esse foi o primeiro momento de um ciclo dedicado aos clássicos portugueses que prossegue em 2019 com a coprodução, também com o TNDM II, de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, com encenação de Miguel Loureiro. Trabalha com a Fundação da Casa de Mateus, enquanto consultor de comunicação e desenho de projetos. É co-autor do volume *Quatro Ensaios à Boca de Cena*, publicado em 2009 por Edições Cotovia.

FERNANDO MORA RAMOS: É um encenador que actua e um actor que encena. Director do Teatro da Rainha é Professor Especialista em Encenação com uma Maîtrise em Estudos Teatrais — Paris III-Sorbonne Nouvelle. Bolseiro da Fundação Gulbenkian, estagiou em 1980 no Piccolo Teatro de Milão, seguindo trabalhos de Giorgio Strehler — *A Boa alma*, de Brecht - e Ferruccio Soleri — *Arlequim e os outros*. Foi Coordenador do Dramat-Centro de Dramaturgias Contemporâneas, do Teatro Nacional de São João, em 1999/2000, Director de Programação da Coimbra 2003, Consultor da Fundação Gulbenkian para o projecto *Tecer a cidade*, programa de reinserção social pelas artes desenvolvido nos Centros Educativos entre 2005 e 2008, membro da 11.ª Comissão para a Reforma do Ensino Artístico, entre outras tarefas e funções. Fundou o Centro Cultural de Évora/Cendrev (1975/1990), de que foi também Director. Entre os mais de 120 trabalhos teatrais que fez de realçar os mais recentes: *Jogo do fim*, de Samuel Beckett, de parceria com Isabel Lopes, *O discurso sobre o filho-da-puta*, de Alberto Pimenta, com Miguel Azguime, *Planeta vinil*, de Cecília Ferreira, *O filho*, de Jon Fosse e *O resto já devem conhecer do cinema* e *O fim das possibilidades*, respectivamente de Martin Crimp e Jean-Pierre Sarrazac, ambos em parceria com Nuno Carinhas.

Colaborou e colabora em revistas e na imprensa diária, nomeadamente no jornal *Público* e na revista *Finisterra*, fazendo parte da equipa do jornal *on line SinalAberto*, dirigido pelo professor e jornalista João Figueira.

